

Outros Tempos, vol. 16, n. 28, 2019, p. 26 - 47. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.690>

VIRTUDES EPISTÊMICAS E PERFORMANCE NA ESCRITA DE SI DE NELSON WERNECK SODRÉ^{1,2}

EPISTEMIC VIRTUES AND PERFORMANCE IN SELF-WRITING BY NELSON WERNECK SODRÉ

VIRTUDES EPISTÊMICAS Y PERFORMANCE EN LA ESCRITA DE SI DE NELSON WERNECK SODRÉ

JOÃO MUNIZ JUNIOR

Doutorando/Universidade Estadual Paulista - UNESP

Assis/São Paulo/Brasil

joaomuniz_jr@hotmail.com

WILTON CARLOS LIMA DA SILVA

Professor Doutor Livre Docente/ Universidade Estadual Paulista - UNESP

Assis/São Paulo/Brasil

wilton@assis.unesp.br

Resumo: O presente estudo tem como objeto de análise aspectos da escrita memorialística do historiador, jornalista e militar Nelson Werneck Sodré a fim de identificar escolhas narrativas que reflitam sobre as “virtudes epistêmicas” e a “performance” no interior de uma área de expertise, de maneira que tal narrativa autobiográfica descreva não só o percurso individual, como também alguns meandros da vivência e da disciplina acadêmica.

Palavras-chave: Virtudes Epistêmicas. Performance. Nelson Werneck Sodré.

Abstract: The present study has the purpose of analyzing aspects of the memorialistic writing of the historian, journalist and military Nelson Werneck Sodré, in order to identify narrative choices that reflect on the “epistemic virtues” and the “performance” within an area of expertise, such autobiographical narrative describes not only the individual course, but also some meanders of living experience and academic discipline.

Keywords: Epistemic Virtues. Performance. Nelson Werneck Sodré.

Resumen: El presente estudio tiene como objeto de análisis aspectos de la escritura memorialística del historiador, periodista y militar Nelson Werneck Sodré a fin de identificar elecciones narrativas que reflejen sobre las “virtudes epistêmicas” y la “performance” dentro de un área de expertise, de manera que tal narrativa autobiográfica describa no sólo el recorrido individual, sino también algunos meandros de la vivencia y de la disciplina académica.

Palabras clave: Virtudes Epistêmicas. Performance. Nelson Werneck Sodré.

¹ Artigo submetido à avaliação em fevereiro de 2019 e aprovado para publicação em junho de 2019.

² A pesquisa de doutorado da qual este trabalho é resultado parcial recebe financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Introdução

Os relatos em primeira pessoa são o resultado de memórias e esquecimentos de âmbito coletivo, individual e social. O narrador-personagem que habita tais narrativas é percebido como um agente histórico e socialmente localizado, com ligações e atuações ao longo de sua trajetória que são objetivadas ao serem transpostas para a trama escrita.³

A escrita do passado sob o viés de uma autobiografia é uma busca de reconstrução do que se foi a partir de demandas do presente do autobiógrafo. Sendo assim, nas situações em que narrador, personagem e o autor identificado na capa do livro são a mesma pessoa, caracterizam a expressão literária da autobiografia, gênero que se inscreve como escrita de si, *écriture de soi*, termo cunhado por Michel Foucault, com discursos construídos na primeira pessoa do singular e uma linha narrativa teleobjetivada.

Na tradição historiográfica brasileira são raríssimos os textos autobiográficos, exceto por algumas entrevistas, publicadas em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas, além dos memoriais acadêmicos, como exigência de alguns concursos públicos. No Brasil, enquanto obras autobiográficas, entendidas como textos em primeira pessoa, de maior extensão e que cobrem dimensões públicas e privadas das vidas de historiadores, existem somente duas: Nelson Werneck Sodré (1911-1999) e Boris Fausto (1930-). Werneck é autor de cinco obras de memórias, *Memórias de um soldado*, *Memórias de um escritor*, *A Luta pela Cultura*, *A ofensiva reacionária* e *A fúria de Calibã*: memórias do golpe de 64⁴, enquanto Fausto escreveu duas, *Negócios e ócios*: história da imigração e *Memórias de um historiador de domingo*.⁵

³ A palavra “biografia” só foi utilizada pela primeira vez no século V d. C. e “autobiografia” apenas no final do século XVIII. Assim, é possível traçar um panorama que acompanha o nascimento e o desenvolvimento de uma tradição (auto)biográfica desde a Antiguidade com os escritos de Sêneca até as Confissões de Rousseau, passando pelo estoicismo de Marco Aurélio e as Confissões de Santo Agostinho, sendo que esses escritos têm em comum as características de discurso construído na primeira pessoa. Não consta de nossos objetivos apresentar um estudo da trajetória do gênero (auto)biográfico, para tanto, pode-se conferir, entre outros, GUSDORF, Georges. Conditions and limits of autobiography. In: OLNEY, James (org.). *Autobiography*. Princeton: Princeton University Press, 1980. p. 27-48; e STAROBINSKI, Jean. *A transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Idem. *Memórias de um escritor*, v. 1: formação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. Idem. *A luta pela cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Idem. *Ofensiva reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. Idem. *A fúria de Calibã*: memórias do golpe de 64. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

⁵ FAUSTO, Boris, *Negócios e ócios*: história da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Idem. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A reduzida produção de autobiografias entre historiadores do Brasil relaciona-se a três fatores internos da produção acadêmica local: 1) em geral identifica tal prática como simples ato de vaidade; 2) afirma referenciais acadêmicos que ambicionam certa objetividade do conhecimento historiográfico e que contrastariam com narrativas sobre o subjetivo, o íntimo, o impróprio ou o estigmatizado; e, finalmente, 3) a consolidação de outros espaços e práticas de conservação da memória grupal. Por outro lado, em termos externos, há ainda uma tímida projeção social deste grupo intelectual e, conseqüentemente, reduzido interesse mercadológico em volumes de memórias de seus membros.

Nelson Werneck é oriundo do exército, atuou como jornalista, com uma trajetória fora da universidade e desenvolveu uma vasta obra de matriz marxista. A partir de seu relato de vida buscamos identificar escolhas narrativas que reflitam sobre as “virtudes epistêmicas” e a “performance” no interior de uma área de expertise, de modo tal que esta narrativa autobiográfica descreva não só o percurso individual, como também alguns meandros da vivência e da disciplina acadêmica. Os relatos de Nelson Werneck Sodré permitem observar o trânsito narrativo desse historiador por estruturas objetivas e por vivências subjetivas, a apreensão do tempo e a aproximação entre a observação e a reflexão.

Virtudes epistêmicas e performance

Em relação à análise da obra memorialística de Nelson Werneck Sodré, consideramos importante ter em mente que os modos disciplinadores de ser historiador no Brasil em determinados períodos e meios de atuação se refletem em sua escrita autobiográfica. Portanto, os conceitos de virtudes epistêmicas e performance oferecem uma chave para análise da escrita de si desse autor.⁶

Ernest Sosa introduziu no debate da filosofia contemporânea o conceito de virtude epistêmica com o intuito de pensar a noção aristotélica de virtude intelectual como uma performance humana, envolvendo habilidades, como percepção acurada, memória confiável e raciocínio válido. Doraci Engel afirma que

Análoga à teoria da virtude em ética, essa abordagem tem se traduzido num conjunto diverso de propostas sobre questões tradicionais da epistemologia, como crença

⁶ Analisaremos aqui os constantes entrecruzamentos das virtudes epistêmicas com o comportamento performático do autor. Pois acreditamos que fazer esse estudo de forma estanque comprometeria a natureza combinatória, superposta e interposta que enxergamos ao nos debruçarmos sobre a memorialística de Nelson Werneck Sodré. Portanto, a todo momento realizaremos as conexões entre o comportamento performático e as virtudes epistêmicas.

justificada e conhecimento, que compartilham a pretensão comum de normatividade do empreendimento epistemológico não apenas no estabelecimento de normas e regras, mas também de obrigações e valores.⁷

Sosa⁸ e Linda Zagzebski⁹ escreveram textos seminais sobre os problemas epistemológicos a partir do conceito de virtude epistêmica. Existem duas possibilidades na definição do conceito: os confiabilistas, como Sosa, pensam a virtude epistêmica como faculdade cognitiva confiável, de maneira que seu exercício conduza à verdade; já os responsabilistas, como Zagzebski, entendem a virtude epistêmica como elemento de caráter ou disposição que um indivíduo epistemicamente responsável possuiria ou demonstraria ao produzir conhecimento. Segundo Ohara, embora haja maneiras diferentes de conceber as virtudes epistêmicas, é possível pontuar traços comuns a ambas as concepções acima mencionadas:

[...] (1) o papel normativo da epistemologia, discutindo os problemas do ceticismo e da justificação do conhecimento, por exemplo; (2) a responsabilidade do agente na produção de conhecimento, argumentando que conhecimento é crença verdadeira produzida por virtude epistêmica, e não por sorte ou acidente; (3) o problema do valor do conhecimento.¹⁰

Enquanto a filosofia coloca a questão da virtude epistêmica no nível da abstração, “o que é virtude epistêmica”, o historiador se pergunta: “o que é virtude epistêmica para tal ou qual grupo?”. Não significa que o historiador não realiza, consciente ou inconscientemente, análises eivadas de uma ou mais teorias, mas que para o historiador o problema é concebido de maneira menos generalizante e mais historicizante.¹¹

João Ohara, a partir dos trabalhos de Herman Paul, sobre as virtudes epistêmicas que caracterizam e definem a *persona* acadêmica (*scholarly persona*) dos praticantes do ofício.¹² Não há dúvidas quanto à importância da concepção de virtude epistêmica como pensada por Ernest Sosa, mas aqui acompanharemos Ohara, que, por sua vez, se vale da ideia

⁷ ENGEL, Doraci. Virtude epistêmica e normatividade. In: SEMANA ACADÊMICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA PUCRS, 8., 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: PUCRS p. 1. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/VIII/1.37.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁸ SOSA, Ernest. The Raft and the Pyramid: coherence versus foundations. *The theory of knowledge*. Midwest Studies in Philosophy, [s.i.], v. 5, n. 1, p. 3-25, 1980. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-4975.1980.tb00394.x>. Acesso em: 4 maio 2019.

⁹ ZAGZEBSKI, Linda. *Virtues of the Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

¹⁰ OHARA, João Rodolfo Munhoz. Virtudes Epistêmicas na Prática do Historiador: o caso da sensibilidade histórica na historiografia brasileira (1980-1990). *História da Historiografia*, v. 9, n. 22, p. 172, 2017. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1107>. Acesso em: 4 maio 2019.

¹¹ *Ibid.*, p. 173.

¹² Ver OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes Epistêmicas na Historiografia Brasileira (1980-1990)*. 2017. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2017.

de Herman Paul sobre o *uso histórico* da noção de virtude epistêmica. Ao longo do texto buscaremos refletir sobre como as virtudes epistêmicas, apesar de norteadoras da vida profissional do autobiógrafo aqui analisado, foram flexibilizadas pela postura performática necessária para se escrever sobre si mesmo. As proposições de Ohara¹³ coadunam com essa reflexão, pois ele trabalha com dois conceitos: *scholarly self* e *self-fashioning*.

O conceito de *scholarly self* refere-se “à dissonância entre (1) os repertórios abstratos de características e valores considerados necessários para que alguém seja considerado historiador e (2) as performances individuais daqueles que se reconhecem enquanto historiadores”.¹⁴ Trata-se, portanto, de uma combinação daquilo que se espera que o indivíduo realize segundo moldes pré-determinados e as suas experiências pessoais aliadas às suas próprias adaptações a esses modelos, o que configura uma subjetivação desse indivíduo.

A dissonância a que se refere Ohara¹⁵ ocorre em Nelson Werneck Sodré, uma vez que ele procura desenvolver as habilidades inspiradas nas virtudes epistêmicas que o identificavam como historiador e também apresenta performances individuais na medida em que se lança à empreitada de narrar sua vida.

Esse desvio do padrão de um grupo pode ser analisado à luz da noção de *self-fashioning*, que possibilita entender “as tensões entre aquilo que se faz de nós e aquilo que fazemos de nós mesmos”.¹⁶ Por um lado, havia, com certeza, um conjunto de virtudes epistêmicas (“aquilo que se faz de nós”) disciplinarizadoras da ação historiográfica de Nelson Werneck Sodré. Por outro, esse autor fez escolhas próprias (“aquilo que fazemos de nós mesmos”), portanto, um comportamento com determinados valores éticos que guiaram sua trajetória.

Nesse sentido, a todo momento podemos detectar a tensão entre *scholarly self* e *self-fashioning* na escrita autobiográfica de Sodré na medida em que as virtudes epistêmicas (*scholarly self*) regram essas narrativas mesmo que a opção de contar a própria trajetória em primeira pessoa (*self-fashioning*) esteja eivada de performance.

Quando nos referimos a virtudes epistêmicas estamos diante do problema sobre a definição do que é ser historiador. Essa definição depende de um conjunto bastante complexo e variado de fatores que podem se referir tanto à fabricação de algo, seguindo aquela linha de raciocínio apresentada por Michel de Certeau ao se perguntar o que fabrica o historiador

¹³ Ibid., p. 30.

¹⁴ Ibid., p. 25.

¹⁵ OHARA, op. cit.

¹⁶ Ibid., p. 30.

quando faz história, quanto aos processos de legitimação que frequentemente são assumidos pela comunidade acadêmica.¹⁷ Pode-se somar a esses dois fatores, como o faz Ohara, a ideia de que tal definição é igualmente dependente de um processo de construção subjetiva que implica na prática de algumas virtudes epistêmicas, morais e sociais.¹⁸

O nosso objetivo aqui é refletir sobre a confluência do conjunto dessas virtudes epistêmicas, pensadas como técnica de elaboração de uma *persona* acadêmica (e social), com a dimensão performativa construída na escrita autobiográfica de Nelson Werneck Sodré. Este autor encontrava-se sob determinado regime de virtudes epistêmicas que disciplinavam o trabalho historiográfico, mas, no processo de construção de seu modelo de *persona* acadêmica e na escrita de sua autobiografia, executou um jogo de tensão e flexibilização dos limites de tais virtudes epistêmicas.

Esse jogo de tensão e flexibilização ocorre em razão de uma dupla demanda inerente à escrita autobiográfica que, devido à sua constituição como um gênero híbrido, misto de história e de literatura, faz com que Sodré adote na narrativa de sua vida, ao mesmo tempo, um comportamento virtuoso, exigido pela disciplina histórica, e uma postura performática, característica comum nas escritas de si.

Diana Klinger aponta que o termo inglês “performance” significa atuação, desempenho, rendimento, mas começou a assumir significados mais específicos nas artes e nas ciências humanas a partir dos anos 1950 como ideia capaz de superar a dicotomia arte/vida. Do ponto de vista da antropologia, uma performance é “toda atividade feita por um indivíduo ou grupo na presença de e para outro indivíduo ou grupo”.¹⁹

Por sua vez, Bauman²⁰ afirma que Erving Goffman, em *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, aborda de forma rica e original a constituição social do *eu* enquanto processo representacional, e, portanto, performático, como a elaboração e execução de um papel teatral ao mesmo tempo em que frisa que

[...] a identidade social é uma construção criada colaborativamente, produzida e reproduzida para apresentação, reconhecimento e ratificação perante um público, como parte do processo de produção realizado nos bastidores, por assim dizer, antes de ser apresentada no palco, na frente de todo mundo. Se a performance virtuosística tem um olhar – e um ouvido – reflexivo para as qualidades intrínsecas do ato do

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹⁸ OHARA, op. cit., p. 30.

¹⁹ Cf. KLINGER, Diana. *Escritas de si e escritas do outro: auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*. 2006. Tese (Doutorado em Letras, Literatura Comparada) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 56.

²⁰ BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 727-743, 2014. Disponível em: <http://ref.scielo.org/ydp3gy>. Acesso em: 15 dez. 2018.

expressar-se, a construção performativa da identidade coloca em primeiro plano a capacidade reflexiva do Eu em se tratar como objeto.²¹

No geral, o uso da performance traduz uma necessidade comunicacional. No caso específico de Werneck Sodré a regra não se altera, uma vez que esse historiador, tangido pelas virtudes epistêmicas do seu *métier*, ao se envolver com a elaboração de sua autobiografia precisaria ir além dessas virtudes a fim de dar conta de um gênero de escrita híbrido e performático.

No memorialismo de Nelson Werneck a performance estrutura-se pelo exercício criativo da competência, ou seja, os recursos performáticos, como a capacidade de interação, de atuação, encenação ao se aliarem com as virtudes epistêmicas oferecem ao autobiógrafo os meios necessários a fim de construir sua narrativa.²² Essas virtudes epistêmicas são acompanhadas de virtudes morais, éticas, sociais, que em conjunto funcionam como mecanismos de persuasão disciplinar, horizontes de expectativas ou até mesmo como rotas marginais na composição das escritas de si. Fazemos referência a rotas alternativas uma vez que a empreitada autobiográfica em meio aos historiadores brasileiros foi sempre encarada com desconfiança pelo caráter subjetivo e literário de sua composição.

Como dito há pouco, a performance é um exercício que, entre outros aspectos, exige capacidade comunicacional e de interação. Essa última competência pode ser contemplada nas ocasiões em que o narrador das memórias de Nelson Werneck Sodré, nos moldes do narrador de *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa, convida o leitor a participar da história contada.²³ Como exemplo, podemos citar passagens em que o narrador de *A fúria de Calibã* relata a perseguição sofrida por Sodré e por seus companheiros em razão da publicação da coleção *História Nova do Brasil*. A perseguição deu-se a partir das denúncias do procurador geral da Justiça Militar, Eraldo Gueiros Leite. É sobre a atuação do referido funcionário da Justiça Militar que o narrador afirma: “Não, esse sr. Gueiros não estava louco, leitor; ele sabia muito bem o que fazia, mentindo assim”.²⁴

Em outra passagem, dessa vez se referindo a uma fala de Pedro Aleixo na qual este defendia que o Brasil durante a vigência do AI-5 gozava de “plena liberdade”, o narrador ironiza: “É real, leitor: ele achava que estávamos em ‘regime de plena liberdade’. Demência,

²¹ Ibid., p. 735.

²² BAUMAN, op. cit.

²³ Sobre a ideia do uso do recurso narrativo a que se poderia chamar de “a terceira margem”, ver VITOR, Denise Cristina Rodrigues Caliman; COSTA, Sueli Silva Gorricho. A transcendência no conto “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa. *Nucleus*, Ituverava, v. 8, n. 2, 2011, p. 317-344. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/569>. Acesso em: 9 maio 2019.

²⁴ SODRÉ. *A fúria...* op. cit., p. 162.

cegueira, burrice? Nada disso. Simples posição ideológica: havia liberdade para os Aleixos e tudo o que os Aleixos defendiam.”²⁵

Em situações como as mencionadas acima é realizado um exercício performático comunicacional e interativo no qual o uso do recurso daquilo que se poderia chamar de “a terceira margem” na narrativa atrai e transporta o leitor para dentro da história e a história para a vida do leitor. Explorar esse recurso, por parte do narrador, revela um autor consciente da presença do leitor e desejoso de seduzi-lo para uma relação que se estabelece entre autor-narrador-personagem-leitor. Da parte do autor-narrador-personagem, é uma atuação performática, pois é construída conforme se desenrola a narrativa e é singular a cada leitor.

O conceito de performance é complexo e polêmico, não só por aglutinar uma gama muito rica de aplicações, como também em razão de ter se transformado conceitualmente ao longo do tempo desde o seu surgimento. Se inicialmente o matiz e os contornos principais que lhe conferiam cor e forma era o conteúdo das artes visuais, ao longo das últimas três décadas a performance tem sido contemplada pelo viés da narrativa.²⁶

Apesar dessa flexibilidade conceitual, um dos traços principais da performance é o seu caráter autoral. O conceito de performance permitiria a teatralização na construção da imagem de autor. Nesse ponto, vale salientar que adotamos uma sutil diferença entre o sujeito escritor e a figura do autor.²⁷ Nessa acepção, não existiria um sujeito pleno que o texto traz a tona ou esconde. Pelo contrário, tanto os elementos ficcionais, no sentido de criação, quanto a esfera pública do escritor são faces da mesma moeda, elementos que se ajustam de acordo com o ritmo da narrativa, mas que não podem ser pensados de maneira isolada.²⁸

Nesse segmento, conforme Klinger, “O autor é considerado como sujeito de uma performance, de uma atuação, que ‘representa um papel’ na própria ‘vida real’, na sua exposição pública, em suas múltiplas falas de si, nas entrevistas, nas crônicas e autorretratos,

²⁵ Ibid., p. 164.

²⁶ BERNSTEIN, Ana. A performance solo e o sujeito autobiográfico. *Sala Preta*, v. 1, p. 91-103, 26 set. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v1i0p91-103>. Acesso em: 4 maio. 2019.

²⁷ Sobre a ideia de autor, mais especificamente sobre a noção de função-autor, ver AZEVEDO, Luciene. Autoria e performance. *Revista de Letras*, v. 47, n. 2, p. 133-158, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/496/582>. Acesso em: 4 maio 2019.

²⁸ KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 10, n. 12, 2008, p. 11-30. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178/181>. Acesso em: 3 maio. 2019.

nas palestras”.²⁹ Portanto, o que interessa do autobiográfico não é uma certa adequação à verdade dos fatos, mas sim “a ilusão da presença, do acesso ao lugar de emanção da voz”³⁰.

No caso da autobiografia, a performance está atrelada ao exercício narrativo de um *eu* que parte do presente em que escreve e usa um narrador para acessar o passado sobre esse mesmo *eu*. Todavia, a passagem do tempo faz com que haja a impossibilidade de concomitância entre esse *eu* do presente com o *si mesmo* do passado. Isso vai ao encontro da premissa de Ricoeur do “si mesmo como um outro”.³¹ A impossibilidade de acesso a si mesmo no passado da maneira como foi exige do autobiógrafo a capacidade de performatizar, ou seja, utilizar algumas máscaras a fim de construir um amálgama entre a *mesmidade* (*idem*) a *ipseidade* (*ipse*) da identidade narrativa.³² É o desejo de quem quer contar sobre si e parte em busca de identidade.³³

Nesse diapasão,

O *eu* não passa afinal de [uma] máscara, verdadeira persona, que não permite aos outros que nos vejam, mas que curiosamente, não nos permite ter uma visão perfeita. Escondendo a nossa multiplicidade, funciona como um duplo. O *eu* e o *outro* vivendo e passando neste mundo, com suas margens, na postura ambígua de quem resguarda o seu íntimo.³⁴

Esse jogo de máscaras ocorre na escrita de si de Sodré, pois ao construir a narrativa que conta a sua trajetória pessoal o autor performatiza no jogo duplo da não realização de amplas incursões em sua vida íntima ou privada, e, portanto, se vale das máscaras de homem público, historiador, jornalista, escritor, militar, ou seja, revela-se escondendo-se. Ao longo de suas trajetórias e em diversas situações, frente a distintas

²⁹ Ibid., p. 24.

³⁰ ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 42.

³¹ RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

³² A *narrativa* dos acontecimentos, e, portanto, do(s) indivíduo(s), estabelece uma relação dialética das identidades *idem* e *ipse*: de um lado está o caráter, representado pela *mesmidade* (*idem*), a estabilidade, constância, a imutabilidade; de outro, a *ipseidade* (*ipse*) como liberdade para a continuidade do “si”, ou aquilo que Ricoeur vai chamar de “(con)fiança” ou “fidelidade a si”, inovação, imprevisibilidade, decisão ética. O ponto central da identidade narrativa é a articulação entre o caráter (*mesmidade*) e a livre manutenção de si (*ipseidade*). A identidade é formada por meio da narrativa de sua própria história, assim é que se constitui a identidade do “eu”. Existe uma articulação entre história, narrativa e o “si-mesmo como um outro”, ou seja, o indivíduo se constitui como pessoa por meio de uma narrativa de sua história.

³³ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

³⁴ GAMEIRO, Armindo da Costa. *O espaço autobiográfico em José Craveirinha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. p. 23.

audiências, as pessoas assumem posturas e narrativas que (re)afirmam identidades, constituindo sujeitos performativos.³⁵

Ao lançar mão da performance, Werneck Sodré invoca “o enquadramento (*frame*) da performance, adota uma determinada postura reflexiva, ou alinhamento, para seu ato de expressar-se, assumindo responsabilidade por uma exposição de habilidade e eficácia comunicativas”.³⁶ Nesse sentido, submete-se à avaliação pública, principalmente de seus pares. Isso talvez explique a valoração das virtudes epistêmicas da área de atuação por parte desse historiador autobiógrafo. Aventura-se na narrativa de sua vida, mas permanece zeloso dos parâmetros que o faz ser reconhecido como historiador por seus pares.

Sendo assim, a virtude epistêmica seria o que um historiador possui ou cultiva e que o faz ser reconhecido como tal. No Brasil, somente a partir de meados do século XX, cristaliza-se o conceito de historiografia e o processo de institucionalização da história no âmbito universitário.³⁷ E quem está fora do ecossistema acadêmico? Deve se curvar às regras e aos procedimentos a fim de ser aceito pela comunidade que coordena a criação e validação dos processos.³⁸ Michel de Certeau contribui a fim de se identificar as exigências apresentadas para se ser considerado historiador ao propor o conceito de operação historiográfica baseado em um tripé responsável pela combinação de um *lugar* social, de *práticas* “científicas” e de uma *escrita*.³⁹

O conceito de virtudes epistêmicas favorece um olhar que, de forma mais abrangente, contemple a produção historiográfica dentro e fora dos muros universitários, pois

³⁵ “[...] the essence of this inner self can be translated into the metaphorical equivalence in language, into strings of words and narrative sequences. This theory of autobiography assumes an ontological and integumentary relationship of interiority to bodily surface and bodily surface to text as well as the identity (synonymity) of the I before the text, the I of the narrator, and the I of the narrated subject.” SMITH, Sidonie. Performativity, autobiographical practice, resistance. *Auto: Biography Studies*, v. 10, n. 1, p. 17-33, 1995. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08989575.1995.10815055> . Acesso em: 14 out. 2018.

³⁶ BAUMAN, op. cit., p. 733.

³⁷ PEREIRA, Mateus Henrique; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian Historical Writing in Global Perspective: on the emergence of the concept of “historiography”. *History & Theory*, Middletown, v. 54, n. 4, p. 84-104, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286035348_Brazilian_historical_writing_in_global_perspective_On_the_emergence_of_the_concept_of_historiography . Acesso em: 22 nov. 2018.

³⁸ OHARA, op. cit., p. 25-30.

³⁹ O conceito de operação historiográfica pressupõe a relação entre um lugar, que poderia ser um recrutamento, um meio, uma profissão; procedimentos de análise, ou seja, uma disciplina; e a construção de um texto, leia-se uma literatura, um discurso. Sendo assim, a operação histórica estaria baseada em um tripé responsável pela “combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita.” CERTEAU, op. cit., p. 66. Ohara complementa essa reflexão sobre se disciplinar o trabalho historiográfico ao afirmar que há um “conjunto de regras procedimentais dedicadas a delinear, dar forma, bem como regular e configurar uma determinada modalidade discursiva cujo funcionamento estabelece que apenas um grupo de iniciados pode falar do passado – ou que, ao menos, os ‘estrangeiros’ devam se curvar aos critérios pretensamente universais, atemporais, ou racionais de validação do discurso”. OHARA, op. cit., p. 23.

“permite mapear os valores considerados desejáveis por certo grupo para que um indivíduo possa falar sobre o passado de maneira legítima.”⁴⁰

Esse olhar mais panorâmico pode ser direcionado a Nelson Werneck Sodré, que foi um historiador autodidata, nunca frequentou o ambiente acadêmico, produziu cerca de cinquenta livros com uma temática variada, mas sempre preocupado com a questão da formação histórica brasileira e suas expressões culturais, ademais, assinou cerca de três mil artigos para jornais e revistas. Além de historiador, foi jornalista, escritor, crítico literário e editor.⁴¹ Apesar de não ter feito parte da comunidade de historiadores profissionais, ele foi considerado como um igual em função da sua produção historiográfica e por apresentar as virtudes epistêmicas que o qualificavam como um historiador.

Esse reconhecimento pode ser identificado a partir do seu comportamento virtuoso valorizado por seus pares, como é o caso de Oliveira Viana⁴² que, em carta sobre o livro *Panorama sobre o Segundo Império*⁴³, destaca traços do texto como generalidade, amplitude, perspectiva, um “ensaio [em que] há uma intuição das relações causais”, sinceridade de conteúdo, honestidade dos juízos, manifestações de talento e de cultura, “nobre elegância no andamento da frase”.⁴⁴

Em outra carta, dessa vez de Peregrino Junior⁴⁵ elogiando o mesmo livro, temos as seguintes virtudes epistêmicas evidenciadas: lucidez, ampla documentação, inteligência. O crítico Plínio Barreto⁴⁶, em apreciação ao livro, veicula no jornal *O Estado de São Paulo* um texto em que valoriza o poder de síntese, o vigor da obra, a leitura agradável que o livro promove. Brito Broca⁴⁷ em *A Gazeta* destaca também o poder de síntese da obra, além da seriedade, profundidade, aversão ao anedotário, visão de conjunto, coragem, inteligência e

⁴⁰ OHARA, op. cit., p. 23

⁴¹ Nelson Werneck Sodré foi oficial do Exército chegando à patente de General, cursou a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1944-1946) e foi chefe do Curso de História Militar nessa escola (1946-1950). Entre 1955 e 1964 foi membro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que ajudou a fundar, mas que com o Golpe Civil-Militar de 1964 foi extinto pelo governo que se instaurou. No ISEB ministrou palestras e aulas; além de ter chefiado o Departamento de História, produziu em coautoria a *Coleção História Nova do Brasil*, lançada com recursos do MEC (Ministério da Educação e Cultura), com o objetivo de oferecer aos estudantes do ensino público outra abordagem da história nacional, menos factual e mais crítica.

⁴² Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951) foi um professor, jurista, historiador, sociólogo e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁴³ *Panorama sobre o Segundo Império* é um ensaio histórico produzido por Nelson Werneck Sodré e lançado em 1939 pela Companhia Editora Nacional.

⁴⁴ SODRÉ. *Memórias...* op. cit., p. 206.

⁴⁵ João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes (1898-1983) foi um jornalista, médico, contista, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁶ Plínio Barreto (1882-1958) foi um advogado, jornalista, crítico literário e político brasileiro.

⁴⁷ José Brito Broca (1903-1961) foi um crítico literário, jornalista e historiador brasileiro.

imparcialidade. Azevedo de Amaral⁴⁸ em *Novas Diretrizes* segue os demais elogiando a seriedade, visão panorâmica, lucidez. Podemos citar ainda a crítica de Lívio Xavier⁴⁹ no jornal *Diário de São Paulo* que considera o autor como alguém que estaria iniciando seu caminho nos “estudos históricos”.⁵⁰

Herman Paul⁵¹ propõe que o conceito de virtude epistêmica, no sentido do uso histórico que Ohara⁵² lhe confere, deve fornecer um cabedal conceitual às pesquisas nas áreas da teoria e da história da historiografia: “Sugiro que o conceito de ‘virtudes epistêmicas’ [...] nos permite conceber os ‘fazeres’ do historiador como performances idealmente reguladas por virtudes tais como diligência, precisão e veracidade”⁵³. Nesse sentido, a proposta seria tratar o texto histórico, no nosso caso, autobiográfico, não como produto acabado em si mesmo, mas a partir de uma ótica que leve em consideração as performances do historiador autobiógrafo: o uso dos arquivos, as anotações de pesquisas, os rascunhos de trabalhos publicados ou a serem publicados, os recortes de jornais, as correspondências armazenadas, todos esses elementos estariam em relação a atividades performativas. Nelson Werneck Sodré leu, selecionou, associou, interpretou, definiu e formulou, sem mencionar outras tantas atividades.⁵⁴

Dessa forma, as palavras-chave pinçadas da carta de Oliveira Viana, assim como da de Peregrino Junior e das críticas dos outros autores supracitados exemplificam a nossa defesa de que Werneck Sodré possuía, aos olhos de seus pares, as virtudes epistêmicas valorizadas em um historiador no período. Ao lado de virtudes técnicas tais como análise das relações causais por detrás dos fatos, poder de síntese, a ampla documentação reunida, encadeamento entre fatos, causas e consequências, estudo de conjunto e elegância do texto são destacadas as virtudes morais: honestidade nas avaliações, seriedade, sinceridade, coragem, inteligência, imparcialidade.

Tanto Miguel⁵⁵ quanto Ohara⁵⁶ valem-se dos estudos de Zagzebski⁵⁷ a fim de concluir que os atos de virtude epistêmica são indissociáveis dos atos de virtude moral.

⁴⁸ Antônio José Azevedo do Amaral (1881-1942) foi um escritor, jornalista e tradutor brasileiro.

⁴⁹ Lívio Barreto Xavier (1900-1988) foi um jornalista e tradutor brasileiro.

⁵⁰ SODRÉ. *Memórias...* op. cit., p. 215-217.

⁵¹ PAUL, Herman. Performing History: how historical scholarship is shaped by epistemic virtues. *History & Theory*, v. 50, n. 1, p. 1-19, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2303.2011.00565.x>. Acesso em: 4 maio. 2019.

⁵² OHARA, op. cit.

⁵³ PAUL, op. cit., p. 4.

⁵⁴ PAUL, op. cit.

⁵⁵ MIGUEL, Felipe Mendes Sozzi. Virtudes epistêmicas na epistemologia de Alvin Plantinga. *Theoria*, Pouso Alegre, v. 5, n. 14, p. 1-21, 2013. p. 7. Disponível em http://www.theoria.com.br/edicao14/virtudes_epistemicas.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

⁵⁶ OHARA, op. cit.

Inclusive, Miguel aponta “Do mesmo modo que um ato de virtude moral se caracteriza por ser um ato motivado por virtudes, por ser o que uma pessoa virtuosa faria e pelo bem almejado a ser obtido, um ato de virtude intelectual é justificado epistemicamente se for motivado por virtudes”.⁵⁸

Assim, as virtudes epistêmicas e morais presentes em Nelson Werneck permitiriam identificar esse autobiógrafo como um historiador, embora não tenha feito parte do conjunto de profissionais da história inseridos no mundo acadêmico. Para esse autor, na escrita de suas memórias, eram caras as noções como documento, ater-se aos fatos, evitar ao máximo o aspecto ficcional da escrita, a subjetivação. Além de ser palpável certa timidez e recusa em descortinar nas páginas que narram a sua vida as vivências familiares e o âmbito privado.

Em passagem nas primeiras páginas de *Memórias de um escritor*, Werneck Sodré exalta ser indispensável situar historicamente a sua trajetória individual: “dar os traços da época, caracterizar a fase, a situação, a gigantesca moldura do quadro mundial e a moldura menor do quadro brasileiro”, uma vez que sem essa “caracterização, o depoimento perde consistência”. Inclusive, o autor critica a ausência, em geral, “nas autobiografias e nas biografias, como nos depoimentos e memórias” dessa preocupação com o enquadramento histórico.⁵⁹

A mesma linha que valoriza a análise histórica é seguida em *Memórias de um soldado* quando o narrador conta sobre uma viagem de trem que realizou entre o Rio de Janeiro e a cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. A viagem, que durou três dias, ofereceu ao autobiógrafo uma rara oportunidade: meditar, algo que ele “tanto necessitava”. Nessa ocasião, ele procurou “analisar a situação brasileira, partindo da situação internacional, inserindo nela os problemas, os de maior significação, primeiro, os outros, depois; passei, por último, ao balanço de minha própria situação.”⁶⁰ Nota-se o jogo de escalas na análise da realidade brasileira a partir de um jogo de escalas: internacional, nacional e individual.

Apesar de levar em consideração a sua atuação individual no desenrolar dos eventos históricos, Nelson Werneck Sodré é um crítico daquilo que chama de “sentido místico da política”⁶¹, que hipervaloriza as ações individuais, a concepção heroica dos indivíduos na

⁵⁷ ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. *Virtues of the Mind: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

⁵⁸ MIGUEL, op. cit., p. 7.

⁵⁹ SODRÉ. *Memórias de um escritor...* op. cit., p. 14.

⁶⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 366.

⁶¹ *Ibid.*, p. 367.

história. Ao mesmo tempo em que diminui o papel do indivíduo na história e exalta a força das estruturas, o memorialista reconhece as inter-relações dos jogos de escalas entre o individual, o nacional e o internacional.

Quando o narrador conta sobre a ajuda que recebeu de amigos durante o período que ficou preso nos primeiros meses do Regime Militar, afirma que o “caso particular visa o geral, a caracterização, o ensinamento” e que “Referi-lo, mais do que homenagem individual, é destacar algo que transcende os limites do particular”⁶². Ou seja, mais uma vez é manifesta a preocupação do autor, por meio do narrador, de tornar a sua análise objetiva, partindo do particular, mas voltada para o geral.

Memórias de um escritor segue o mesmo ritmo narrativo de *Memórias de um soldado*. O livro de Sodré foi escrito em 1969 e lançado no ano seguinte pela prestigiosa editora Civilização Brasileira.⁶³ A obra possuiu 377 páginas subdivididas em 5 capítulos temáticos: “Iniciação”; “Crítica Literária”; “Defesa da Cultura”; “Guerra”; e “Balanço”. Nesses capítulos o memorialista procura retratar o seu tempo a partir do enfoque do seu envolvimento direto ou indireto com os acontecimentos. O ponto de partida da narrativa varia do macro para o micro e vice-versa, mas nunca se perde de vista que o objetivo é sempre reconstituir a vida literária, as disputas entre intelectuais e seus grupos, as dificuldades impostas ao trabalho de escritor, aos empreendimentos editoriais e literários, as preocupações com o baixo nível de desenvolvimento cultural no país, enfim, a obra apresenta os papéis de escritor, crítico literário e historiador do autor, em meio a suas andanças entre essas áreas, exercendo concomitantemente essas atividades.

A escrita de si desse autor chama a atenção, pois no caso dos historiadores o falar de si parece desafiar os referenciais acadêmicos clássicos, zelosos de uma objetividade na elaboração de seus textos, regrados de forma a deixar evidente as fronteiras além das quais se localiza a subjetividade, desprezada.

Nelson Werneck toca na questão da ficcionalização em suas memórias, mas o faz de maneira transversal, numa espécie de psicologia reversa: o autor realiza várias menções ao

⁶² Ibid., p. 608-611.

⁶³ Detalhe que chama a atenção é o fato de o livro ter sido lançado justamente após o recrudescimento do Regime Militar no Brasil e a obra conter críticas indiretas ao governo dos militares a partir das avaliações que o autor realiza sobre a Era Vargas (1930-1945), principalmente quando fala do Estado Novo (1937-1945), período em que as liberdades civis e constitucionais sofreram severas restrições. Sendo assim, ao criticar a política truculenta, a censura, as perseguições dos opositores e os arbítrios cometidos por Getúlio Vargas, Sodré de maneira enviesada constrói sua crítica à Ditadura Civil-Militar que fora instalada a partir da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5).

uso que faz de seu arquivo pessoal na composição de sua autobiografia.⁶⁴ Foi a maneira que o autor encontrou de passar a ideia de que sua narrativa ancora-se em fontes, com reduzido espaço para a ficção. De certa forma, paira sobre o escritor a disciplinarização constante das virtudes epistêmicas fazendo-o lembrar-se dos compromissos com determinado regime de verdade. Confessa que guardava consigo a “velha norma de não rasgar papeis”⁶⁵, o que indica a preocupação com uma manutenção de vestígios do passado, indicativo de um horizonte de expectativas de escrita de uma autobiografia ou a fim de fornecer subsídios arquivísticos àqueles que porventura manifestassem interesse de narrar a sua trajetória pessoal.

O constante relacionamento de documentos arquivados, trechos de cartas, de matérias jornalísticas, supõe um autor ciente da faceta criadora presente na confecção de narrativas de si, mas que a todo custo deseja demonstrar que o máximo possível dessa escrita está amparada pelas fontes. De tal modo, o intuito de evidenciar o uso de documentos seria com o objetivo de reforçar o trabalho efetuado pela memória conferindo, assim, maior legitimidade ao narrado.

Podemos citar um longo trecho em que o memorialista fala sobre suas relações com seus arquivos pessoais:

Por longos anos escrevendo à máquina obedeci ao hábito salutar de guardar cópia de minhas cartas, da correspondência expedida, como guardava a correspondência recebida. Contingências da vida, porém, [...] obrigaram-me a destruir pacotes em que, cuidadosamente em ordem, estavam arquivadas aquelas cópias. É por isso que estou escrevendo essas memórias à base da correspondência recebida e de documentos outros, como recortes de jornal. Assim, os episódios vistos, de um lado, na perspectiva da época em que ocorreram, e, de outro lado, na perspectiva dos dias atuais.⁶⁶

Em certa altura de Memórias de um soldado, o autobiógrafo afirma procurar “entre meus documentos as folhas de alterações correspondentes ao tempo que passei na Escola Militar” do Rio de Janeiro entre os anos 1931 e 1934⁶⁷. Em outro trecho reafirma o

[...] velho hábito, que permaneceu ao longo do tempo, [de] não rasg[a]r papeis, cartas, documentos; conserv[a]-os, cuidadosamente guardados e separados, conforme a procedência e o assunto. Assim, enquanto escrevo estas memórias,

⁶⁴ “A narrativa autobiográfica tem ligação tanto com a história quanto com a ficção, pois os processos do recordar, na constituição da memória, implicam uma teoria ficcional. Aqui, ficção no sentido etimológico de *fictio*, criação, e não de falseamento: a autobiografia se estrutura como um relato construído a partir de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional, que se projeta no campo do conhecimento histórico pela busca do saber e da compreensão, no campo da ação pelo compartilhar de uma experiência, e no campo da arte por se tratar de uma narrativa literária.” SILVA, Wilton C. L. Espelhos de palavras: escritas de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 39-61, p. 51.

⁶⁵ SODRÉ. *Memórias de um escritor...* op. cit., p. 205.

⁶⁶ SODRÉ. *Memórias de um escritor...* op. cit., p. 285.

⁶⁷ SODRÉ. *Memórias de um soldado...* op. cit., p. 91.

consulto documentos que me permitem reconstituir acontecimentos, procurando apresentá-los sem a deformação que a distância no tempo lhes confere.⁶⁸

As passagens citadas servem para refletir sobre como os elementos da virtude epistêmica relacionadas à atuação como historiador, nesse caso, o zelo pelo arquivo e sua valorização como porta de acesso ao passado, fundem-se à performance. Pois o memorialista se vê em meio ao dilema de ter em mãos uma documentação que lhe oferece bases empíricas para escrever sobre o seu passado. Entretanto, percebe ser necessário realizar um esforço performático a fim de dar conta das lacunas documentais e assim se posicionar no palco da narrativa com as máscaras de um *eu* do presente que se aventura a contar sobre um *eu* que já não existe mais. O esforço do narrador em usar os vestígios que ainda restaram do passado para recuperar “na perspectiva dos dias atuais” os episódios pretéritos evidenciam o comportamento performático, pois o passado não pode ser reconstituído tal como foi e o “si mesmo” sofreu alterações e é com as experiências do presente que será formatado.

Nesse sentido, a narrativa de si de Sodré mostra-se performática, pois, assim como na performance, o personagem cuja vida é contada passa a ser sujeito e objeto de sua obra. Ele também está em formação enquanto narra, sendo autor de si.⁶⁹ Essa construção de si mesmo por meio da narrativa vai ao encontro do pensamento de Barthes no tocante ao eterno trabalho de elaboração de si na trama do texto:

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto faz, se trabalha, através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura –, o sujeito desfaz-se como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia.⁷⁰

O cruzamento das virtudes epistêmicas com a necessidade de performance prossegue quando o escritor, na condição de autor-narrador, historiador que, por ofício, é acostumado a estudar a diversidade de dimensões que compõem a vida individual e coletiva, opta por um recorte formalístico de sua trajetória com ênfase na sua dimensão intelectual, mas que explicita, pelo silêncio, a incapacidade ou recusa de expor sua vida privada, sua afetividade e algumas relações que são cuidadosamente protegidas. O narrador esforça-se em deixar claro que sua preocupação é com sua figura pública. Nos raros momentos em que narra

⁶⁸ Ibid., p. 245.

⁶⁹ COHEN, Renato. *A performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 39.

⁷⁰ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 112.

circunstâncias familiares é com o objetivo de usar a passagem como trampolim para mergulhar na esfera pública das suas vivências.

De um lado, Werneck Sodré preocupa-se com seu lugar de fala legitimado por determinadas virtudes, como a capacidade analítica racional, distanciada das subjetivações, de outro, a execução de performances como saída para contar a sua vida em um recuo impossível a um passado tal como foi e a um si mesmo linear, homogêneo. Mas esse recuo contempla as atividades profissionais e, portanto, marginalizam aspectos subjetivos, íntimos. Trata-se assim de performance, pois o uso das máscaras entrega esse comportamento.

No entanto, é inegável que tal iniciativa é indissociável da questão da autoria como instância de legitimação. Como já assinalou Bourdieu⁷¹, a forma de singularização do indivíduo a partir de um nome próprio, pessoal e privado, mostra-se como uma distinção do sujeito social, na qual a contratualidade do registro civil agrega “[...] uma identidade social constituinte e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis nos quais ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis”⁷². Nesse tipo de escrita autobiográfica, o nome próprio mostra-se um designador rígido: é a forma por excelência da imposição arbitrária feita pelos ritos institucionais, na qual a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas nas particularidades circunstanciais e nos acidentes individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais.⁷³

Se o nome próprio é, para o cidadão, a expressão de sua identidade, em relação ao mundo acadêmico esse nome também se projeta como guardião de uma obra, que, construída social e historicamente, mostra-se como reflexo de realizações, vínculos, simpatias, antipatias, apreciações e indiferenças em um espaço relacional bastante delimitado. O discurso autobiográfico, no qual a identidade do autor-narrador-personagem coloca-se em posição de centralidade, mediado pelas exigências do auditório a quem se dirige, estabelece, já em sua enunciação, uma relação de paratextos na qual o emissor legitima a obra pelo *status* que lhe é atribuído.

A busca por legitimação com base no respeito pelas virtudes epistêmicas leva, por exemplo, Nelson Werneck Sodré a enfatizar a sua participação em bancas julgadoras de concursos literários em razão do prestígio conquistado com sua atuação como crítico. Além

⁷¹ BOURDIEU, Pierre, A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

⁷² BOURDIEU, op. cit., p. 188.

⁷³ Ibid., p. 189.

disso, o autor faz questão de citar os nomes das figuras com as quais se relacionava nesses círculos restritos: Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Rubens Barba de Moraes, todos eles com vivência nos meios jornalísticos e reconhecidos historiadores. Ser aceito em grupos como esse é um indicativo não só do reconhecimento do peso da contribuição de crítico literário de Werneck como ainda de sua produção historiográfica, uma vez que em muitos desses concursos eram obras do campo da história e do ensaísmo histórico julgadas por historiadores.⁷⁴

A fim de reforçar essa aceitação por seus pares, Werneck narra uma ocasião em que pede a Sérgio Buarque de Holanda e a Octávio Tarquínio de Souza que lessem os originais de *Formação da sociedade brasileira*⁷⁵, sendo que “ambos me atenderam e me honraram com observações muito úteis e me cederam tempo para discutirmos teses que o livro levantava, os pontos controversos”.⁷⁶

É curioso que Nelson Werneck recupera um artigo de crítica literária que escrevera sobre um livro de Azevedo Amaral em 1938 e em alguns trechos o narrador afirma que à época abordara o livro em questão apesar do critério auto imposto de não escrever sobre obras que versassem sobre a política nacional nos dez últimos anos a contar do seu presente. Note que essa restrição colocada sobre si mesmo não impediu o crítico de escrever sobre a obra aparecida naquele ano de 1938 e que fazia apologia ao regime ditatorial de Vargas. No artigo mencionado, a razão dada pelo autor para não se debruçar sobre fatos recentes não seria por receio das personagens que viessem a ser avaliadas e nem por “obediência à convenção que exige a ‘perspectiva do tempo’ para ver melhor as coisas”, mas sim porque nem sempre lhe era dado espaço para criticar o que considerava errado ou falso.⁷⁷

Todavia, o próprio autor reconhece que por ocasião do regime ditatorial de Getúlio Vargas seu comportamento foi omissivo em razão de sua alienação, mas que não pretende com essa afirmação “justificar *a posteriori*” a ingenuidade do seu comportamento neutro perante tal governo. Na mesma passagem, o narrador filosofa que “As pessoas são como são e têm história, não são as mesmas a vida toda, mudam, evoluem”.⁷⁸

Nesse ponto, a obra memorialística parece se transformar, para o autor, em uma possibilidade de redenção. As páginas mostram um escritor que mudou sua visão de mundo,

⁷⁴ SODRÉ. *Memórias de um escritor...* op. cit., p. 205; p. 270.

⁷⁵ A obra *Formação da sociedade brasileira* foi lançada em 1944 pela Editora José Olympio.

⁷⁶ SODRÉ. *Memórias de um escritor...* op. cit., p. 309.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 285.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 124.

que o jovem da década de 1930 havia evoluído para o homem maduro dos anos 1970, ou seja, muita coisa havia mudado; que mergulhara na militância política em defesa da cultura, dos princípios democráticos, da liberdade de pensamento e de expressão.

Os livros de memórias Nelson Werneck Sodré dialogam entre si, com temas comuns entre os volumes publicados. Nessas memórias, determinados aspectos da vida intelectual, profissional do autor são mais abordados do que outros. Todavia, alguns temas permeiam todos os livros autobiográficos assinados por ele. Exemplos de temas que são abordados em todos os volumes de memórias: vida cultural e a luta pela cultura nacional, as dificuldades e perseguições que intelectuais, escritores, jornalistas e demais envolvidos com a prática cultural no Brasil sofreram com os regimes políticos de exceção como os de Vargas e o dos Militares.

Já mencionamos que *Memórias de um escritor* foi escrita em 1969 e lançada em 1970, um dos momentos mais tensos da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) que nesse período impunha dura repressão não só aos grupos da esquerda armada no país, como também à diversas manifestações artístico-políticas que não se enquadravam no projeto de Brasil preconizado por aquele regime. Sodré, de maneira criativa por meio do narrador, a todo o momento estabelece veladas comparações entre o Estado Novo de Vargas e o Governo dos Militares instaurado em 1964 no tocante às perseguições. Nesse diapasão, o memorialista demonstra que no presente ditatorial em que vivia e escrevia suas memórias o comportamento omissivo do passado não encontraria guarida e essa obra seria sua maneira de criticar o Regime Militar, os seus desmandos e arbítrios, o sufocamento das liberdades e dos direitos democráticos. Esse exercício crítico seria uma mola propulsora dessa obra assinada por Werneck Sodré.

O texto desse autor talvez pela junção do rigor historiográfico e da prática jornalística demonstra uma leveza da escrita que se exercita no contexto de memórias individuais e coletivas – família, amigos, colegas e outros personagens das lembranças pessoais movem-se em tempos e cenários da memória coletiva.

Nelson Werneck Sodré desenvolve uma narrativa complexa de subtextos que se somam, multiplicam-se, dividem-se, em um constante movimento. Na medida em que o leitor acompanha o narrador que conta as andanças do protagonista em uma variada topografia de instituições, locais de sociabilidade, de luta política e cultural como o Exército, o Clube Militar do Rio de Janeiro, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), as rodas literárias como a que havia nos fundos da editora José Olympio, as redações de jornais e

revistas. As obras desse autobiógrafo estão inseridas em um processo de subjetivação e constantemente referenciado, em uma autoanálise permeada de crítica e sensibilidade.

O autor aqui analisado apresenta uma narrativa performática disciplinada pelas virtudes epistêmicas que lhes são caras: uso do método histórico na narrativa, compromisso com a verdade, receio da dimensão ficcional da escrita de si, autoafirmação como historiador. Todavia, essas virtudes epistêmicas que poderíamos chamar de tradicionais são combinadas com virtudes morais e sociais: coragem, sinceridade, honestidade, distanciamento das esferas familiares e subjetivas.⁷⁹

O comportamento performático advém da impossibilidade de transpor para a narrativa a totalidade e a complexidade da vida vivida. Além disso, as escolhas de narrar a vida pública e deixar a privada em segundo ou terceiro plano força o autobiógrafo a fazer uso de determinadas máscaras que revelam determinadas facetas: o professor, o jornalista, o crítico literário, o historiador; e escondem outras: o pai, o marido, o irmão, o tio, o sobrinho, para citar algumas.

A performance nesse autor seria a arte de se apresentar com uma proposta de narrativa a um determinado público, em grande medida de seus pares, e proporcionar aquilo que de seu autor se esperava: as vivências públicas e profissionais. Afinal, escrevia e esperava ser lido por historiadores, intelectuais e pensadores com variados níveis de afinidade, que, por sua vez, estavam sob um regime de virtudes epistêmicas que valorizavam a condução regrada do texto a partir de referenciais de verdade, do método histórico, do compromisso com os fatos, do receio quanto à ficção.

Em vários exemplos, revelam-se as habilidades narrativas do autor e a sua capacidade de transitar entre os níveis macro e micro. Estes são tangidos de maneira semelhante, ou seja, o narrador desloca a lente da objetiva com um foco aberto, panorâmico sobre o contexto histórico mundial e brasileiro ao acompanhar os deslocamentos do protagonista em suas relações com esses contextos. Aparecem, portanto, as cartas trocadas com críticos literários como Alceu Amoroso Lima, e isso é ocasião para o autor falar sobre as relações entre os críticos literários e as formações de grupos antagônicos que disputavam espaço nos jornais da época; ou então, cartas trocadas com Graciliano Ramos, o que é motivo

⁷⁹ “É dessa maneira que podemos dizer que a formação do historiador não envolve apenas o aprendizado de técnicas de pesquisa; trata-se de cultivar o ‘olhar do historiador’, exercitar uma série de disposições consideradas indispensáveis ao bom exercício do trabalho histórico. Assim, consolida-se um conceito de persona que articula virtudes epistêmicas e valores extra epistêmicos em configurações específicas, dando-lhes um sentido, hierarquizando valores e objetivos, estabelecendo modelos de conduta a serem seguidos.” OHARA, op. cit., p. 30.

para se abordar as perseguições sofridas por intelectuais durante o Estado Novo de Vargas; quando o narrador conta as dificuldades para o autor receber os pagamentos pelas contribuições jornalísticas ou as dificuldades para se publicar, é a chance para se construir um quadro das dificuldades encontradas por aqueles que viviam da atividade de escritor, as mazelas que acompanham o ofício, os baixos rendimentos e o péssimo reconhecimento. Quando fala das rodas literárias, como a que havia nos fundos da livraria José Olympio, é para traçar um mapeamento dos grupos de literatos que tinham em comum o ofício e as dificuldades a ele inerentes e que encontravam no convívio maneiras de superar e construir redes de sociabilidade.

O constante jogo de escalas é direcionado pelo narrador das memórias de Sodré a acontecimentos internacionais. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial o autor conta que viajava para a Bahia a bordo de um navio que foi atacado por submarinos alemães, mas que os danos não foram suficientes para causar uma tragédia maior do que o pânico generalizado entre os que se encontravam na embarcação. Segundo o memorialista, errara o governo brasileiro ao permitir que civis e militares viajassem em um navio com a Guerra em andamento. Ele havia sido destacado, assim como os demais militares a bordo, para organizar em solo nacional a participação brasileira no conflito mundial. Como se vê, a lente do narrador acompanha o vaivém entre o micro e o macro tendo como ponto de partida ou de chegada a atuação do protagonista nos eventos de sua época.

Em Werneck Sodré, as esferas social, cultural e temporal também se fundem com as origens familiares (classe média que via na carreira militar do filho uma possibilidade de ascensão social), na vida profissional (militar e escritor), nas experiências intelectuais, nos laços de família (pouco comentados), nas relações de amizade (amplamente compartilhadas), nos relacionamentos com editores, donos de jornais. Aparece muito pouco de suas relações familiares e privadas. Quando tal ocorre é tão somente como ponto de partida para se narrar acontecimentos culturais, políticos ou sociais do nível macro.

Ele foi militar de carreira que chegou à patente de General e que cultivou uma vida intelectual e uma produção historiográfica sob o arcabouço teórico-metodológico do marxismo. Aliar esse posicionamento intelectual com a combatividade pela soberania nacional em uma constante luta política marcou sua carreira militar, culminando, por exemplo, com sua entrada para a lista negra dos grupos reacionários no interior do Exército após posicionar-se ao lado dos nacionalistas por ocasião da Campanha “O petróleo é nosso”

nos idos da década de 1950.⁸⁰ Como punição, ele foi destacado para servir em Cruz Alta, extremo sul do país, distante da vida intelectual e das proximidades com os acervos, bibliotecas, redações de jornais e revistas, locais de pesquisa, interação social e cultural. Isso para citar somente um exemplo de segregação social e intelectual desse militar que frequentou constantemente as margens. Como historiador também experimentou as margens: suas obras, principalmente durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) foram repudiadas nas universidades que se institucionalizavam.⁸¹

Portanto, não é de se admirar que um historiador com experiências de marginalização ou social ou intelectual (ou até mesmo ambas) tenha se aventurado na escrita de autobiografias, gênero segregado entre os historiadores por sua constituição híbrida. Nelson Werneck Sodré coexistiu com as margens e acabou construindo um universo próprio a fim de lidar com esse ambiente. A escrita de si foi talvez uma forma desse autor unir os seus pendores de escritor, com uma notável carreira como jornalista e crítico literário, com a profissão de historiador. A autobiografia tornou-se então uma espécie de embarcação que permitia o tráfego entre ambas as margens: a da história e a da literatura.

⁸⁰ A partir dos anos 1950 Werneck Sodré enfrentará a pressão de setores do Alto Comando do Exército no sentido de arrefecer sua defesa do monopólio estatal sobre as reservas de petróleo. Além disso, a própria ascensão profissional que até então tinha sido construída a partir da dedicação em especializações e boa conduta, passou a sofrer estagnação, apesar de mantido o mesmo comprometimento, e a subida na hierarquia militar ficou restrita às promoções com base em tempo de serviço. SODRÉ. *Memórias de um soldado...* p. 320-342.

⁸¹ Thomé comenta que “Nos fins da década de 60, na USP, Nelson Werneck Sodré era lido pelos discentes mais por transgressão. Líamos seus livros na preparação de seminários, por exemplo, mas omitíamos seu nome ao colocar a bibliografia utilizada, porque os professores não gostariam.” THOMÉ, Maria Cristina. Nelson Werneck Sodré e a formação do profissional de história. In: SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 171-181. p. 171.